

## **ESQUECER, SILENCIAR OU COMPARTILHAR O TRAUMA: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DA MEMÓRIA TRAUMÁTICA NA CULTURA CONTEMPORÂNEA**

Julia Massucheti Tomasi<sup>1</sup>

**Resumo:** As últimas décadas do século XX, período de intensas rupturas e de fortes acelerações da experiência do tempo vivido, viram surgir a emergência da memória e, posteriormente, sua obsessão. Questionando-se quais são as memórias desse século XX, podem-se destacar as experiências traumáticas vividas através de guerras, massacres e genocídios. Dessa forma, o artigo procura abordar determinadas experiências de memórias traumáticas adotando inicialmente como base a Segunda Guerra Mundial, evento que gerou para muitas pessoas lembranças interditas, bloqueadas, esquecidas e/ou silenciadas, como aos antigos nazistas e as vítimas sobreviventes, principalmente as dos campos de concentração. Também se pretende delinear reflexões sobre as memórias traumáticas de enlutados pela morte de um ente querido, enfatizando, sobretudo, os sobreviventes do massacre da cidade italiana de Civitella Val di Chiana e os enlutados que compartilham seu pesar nas páginas da *internet*, como nos *sites* de cemitérios *on-line* e na rede social do *Orkut*.

**Palavras-chave:** Memória traumática, esquecimento, lembrança.

**Abstract:** The last decades of the twentieth century, a period of intense disruptions and strong acceleration of the lived experience of time, seen *the emergence of memory*, and later, *its* obsession. Questioning what are the memories of that century, one can highlight the traumatic experiences through wars, massacres and genocide. Thus, the article seeks to address certain experiences of traumatic memories as a basis initially adopting the Second World War, an event that generated memories for many people banned, blocked, forgotten and / or silenced, as the former Nazi victims and survivors, especially those of concentration camps. It also aims to outline thoughts about the traumatic memories of mourning the death of a loved one, emphasizing especially the survivors of the massacre of the Italian town Civitella Val di Chiana and the mourners who share their grief in the pages of the Internet, as sites cemeteries online and social network Orkut.

**Keywords:** Traumatic memory, forgetfulness, remembrance.

### **1. A cultura da memória nas últimas décadas do século XX**

Na segunda metade do século XX, observa-se a emergência e o privilégio dado à memória<sup>2</sup> e muitas vezes sua obsessão. Na década de 1960,

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-UDESC). Bolsista CAPES. E-mail: juliamtomasi@hotmail.com

<sup>2</sup> A memória, segundo a filósofa argentina María Inés Mudrovic (2009, p. 103-104), é um tema bastante fecundo que dá oportunidade de ser abordado por várias disciplinas, como nos estudos biológicos, históricos, sociológicos e antropológicos, sendo que até a década de 1970, “eram os psicólogos, os neurobiólogos, os sociólogos, os filósofos, entre outros, que tinham como um de seus focos [de estudo] a memória” (2009, p. 101). Já para Pierre Nora (1993, p. 9), a memória é um fenômeno sempre atual, vulnerável a usos, capaz de evidenciar lembranças e esquecimentos, mantida por grupos vivos e com isso está sempre em evolução. É descrita também como sendo coletiva, afetiva, aliada à tradição oral, múltipla, plural, individualizada e absoluta, e utilizando-se dos estudos de Halbwachs, Nora expõe que existem proporcionalmente tantas memórias quanto grupos.

com os novos movimentos sociais e as descolonizações<sup>3</sup>, emergiram no ocidente, discursos de memória de um novo tipo, conforme aponta Andreas Huyssen (2000, p. 10). Tais discursos de memória ganharam repercussão entre as décadas de 1970 e, principalmente, 1980, nos Estados Unidos e na Europa, com as questões da memória do Holocausto. Nota-se a partir de então uma busca obsessiva pela memória, sendo que esta não é uma especificidade de países ocidentais. Além da sua comercialização pela indústria cultural ocidental, a partir, sobretudo, dos anos noventa, países pós-comunistas do leste europeu e a antiga União Soviética têm se preocupado com a memória e o esquecimento. A cultura da memória está amplamente propagada pelo mundo, servindo, por exemplo, na Argentina e Chile “para criar esferas públicas de memória ‘real’ contra as políticas do esquecimento, promovidas pelos regimes pós-ditatoriais” (HUYSSSEN, 2000, p. 16).

Aliada a essa ânsia pela memória, percebe-se também, nas últimas décadas do século XX, as questões relacionadas ao patrimônio, como a restauração de antigos centros urbanos e a musealização das cidades, especialmente nos Estados Unidos e nos países europeus. François Hartog destaca essa preocupação com os monumentos e cidades antigas a partir da década de setenta, de maneira que, para ele, uma fenda apareceu no presente, que mostrou-se apreensiva pela memória, “preocupada com o ‘patrimônio’, atormentada pela conservação de monumentos, de lugares antigos ou não tanto, a preservação da natureza. Ansiosa com a recuperação do que foi perdido, ou estava para ser perdido ou inquieta com o que fora ‘esquecido’” (HARTOG, 1993, p. 10).

Assim, como ocorrido com a memória, através de um “dever” da memória e o remorso de nada esquecer, anunciando-se ou reclamando-se memórias de tudo, se acrescentou uma ardente “obrigação do patrimônio”, com suas exigências de conservação, de reabilitação e de comemoração. A questão patrimonial chegou a um limite que seria “tudo patrimônio ou suscetível de tornar-se” (HARTOG, 2006, p. 268). Mas essa obsessão pela memória e a busca em preservar não são surpreendentes para as últimas décadas do

---

<sup>3</sup> Entre as décadas de 1950 e 1960, aproximadamente quarenta países afro-asiáticos tornaram-se independentes.

século XX. Tempo de catástrofes, rupturas e de fortes acelerações na experiência do tempo vivido, o patrimônio e em especial a memória valem como respostas e sintomas do presentismo, o atual regime de historicidade, conforme menciona Hartog (2006, p. 272).

Além disso, nos últimos anos, a cultura da memória é acusada de amnésia e indiferença, visto que a partir das mídias<sup>4</sup>, veiculadoras da memória, esta última se torna cada vez mais acessível. Pode-se então problematizar se o enorme aumento de memória não segue o mesmo sentido de um espantoso aumento de esquecimento. A partir dessa relação e/ou distanciamento entre memória e esquecimento, utilizando-se dos estudos freudianos, Huyssen aponta que ambos estão ligados, de maneira que a memória “é apenas uma outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida” (2000, p. 18). Mas e o medo do esquecimento? Como podemos viver resistindo ao esquecimento? Uma constatação importante é que quanto mais nos forçam à lembrança e nos apavoram com relação ao esquecimento, mais medo sentimos de esquecer-nos e, conseqüentemente, mais intenso torna-se o ato do esquecimento.

Ligado a essa “síndrome da memória” e ao medo do esquecimento, nota-se que, no mercado, o passado está chamando mais atenção do consumidor do que o futuro, o que significa que os vendedores estão lucrando mais com os produtos relacionados ao passado, como as vendas de produtos retrô. São rádios, móveis, televisores e uma imensidão de eletrodomésticos fabricados nos últimos anos e que imitam modelos criados no passado.

Essas são características de um presente hipertrofiado e “que tem a pretensão de ser seu próprio horizonte” (HARTOG, 1993, p. 9), de forma que as solicitações do mercado desempenham um papel fundamental, como as alterações científicas e o ritmo cada vez mais rápido das mídias, que tornam as coisas obsoletas. Como bem sintetiza Hartog, vivemos em um presente que, por não ter passado e futuro, ele os gera. Na mesma direção, encontramos as reflexões de Huyssen (2000, p. 28), que diz que vivemos em um presente cada vez mais encolhido, sendo que a aceleração das inovações tecnológicas

---

<sup>4</sup> Como por exemplo, a imprensa, a televisão ou a *internet*.

fabrica produtos praticamente obsoletos, que já saem atrasados, tornando-se em alguns anos “peças de museu”.

Retomando as discussões relacionadas à memória, pode-se questionar o que afinal seria memória no final do século XX? Para Pierre Nora (1993), o que se denomina por memória não é mais memória, mas história, mostrando que a necessidade de memória é também uma necessidade da história. Nesse sentido, aponta as diferenças entre a memória que denomina de verdadeira e a memória modificada por sua comunicação com a história.

A memória verdadeira ou tradicional seria aquela “abrigada no gesto e no hábito, nos ofícios em que se transmitem os saberes do silêncio, nos saberes do corpo, as memórias de impregnação e os saberes reflexos” (NORA, 1993, p. 14). Enquanto que a memória alterada pela história é quase o oposto, portando-se como um dever, não sendo mais tão natural e espontânea, ou seja, é para Nora uma memória não mais psicológica, subjetiva e individual. Com isso, enfatiza criticamente que se ainda tivéssemos a memória verdadeira, não haveria a necessidade de se aplicar os lugares de memória<sup>5</sup>, pois cada ato por nós vivenciado seria uma reprodução do que sempre se praticou, e com isso, nos identificaríamos com estes atos.

E quanto à memória que temos do século XX? Após as histórias de guerras, as tentativas de descolonizações, os casos ditatoriais e repressivos em diversos países, e principalmente, depois da Segunda Guerra Mundial, com o genocídio em massa, “a nossa consciência foi afetada de tal modo que a visão da modernidade ocidental e suas promessas escureceram consideravelmente dentro do próprio ocidente” (HUYSEN, p. 31). Assim, para muitos indivíduos, as lembranças de experiências vivenciadas durante o século XX estão bloqueadas, esquecidas, silenciadas e interditas, tendo em vista os traumas vividos durante massacres e guerras, o que os impossibilita de possuir recordações positivas e pacificadoras, ou mesmo de se tentar glorificar o passado, como será trabalhado a seguir.

---

<sup>5</sup> Os lugares de memória são caracterizados por Nora como sendo híbridos, mistos, enlaçados de vida e morte, marcos de outra era, restos, e antes de tudo locais não de história, mas de memória (1993, p. 12-13). Como bem resume Ulpiano Bezerra de Meneses (2009, p. 450), um lugar de memória vai desde um objeto material e concreto, como um artefato ou uma paisagem, até um objeto abstrato.

## **2. Zonas de sombra, não ditos, esquecimentos e silêncios sobre si: a Segunda Guerra Mundial e “suas” memórias traumáticas**

Quando se aborda o tema da memória traumática durante o século XX, lembra-se quase sempre das experiências vivenciadas pelas vítimas da Segunda Guerra. Adotando-se então o caso de Primo Levi<sup>6</sup>, que foi um dos sobreviventes do campo de concentração de Auschwitz, pode-se apontar algumas reflexões a partir de seus sonhos. Neles, Primo Levi se imagina deixando o campo e retornando para a casa. Ao chegar em casa, tenta contar os sofrimentos e os horrores que passou durante seu aprisionamento, porém, é ignorado pelos outros, os ouvintes. Ninguém o escuta, se retiram um a um, deixando-o sozinho e desesperado por se fazer ouvir<sup>7</sup>.

Se atendo ao personagem do ouvinte, aquele que, em síntese, deveria desempenhar a função de escuta, este no sonho de Primo Levi acaba por se levantar e ir embora, talvez por não querer saber a narrativa da vítima, não desejar que sua história alcance-o ou ameace sua linguagem tranquila (GAGNEBIN, 2004, p. 93).

Mas essa ausência de um ouvinte não foi vivenciada apenas por Primo Levi. Muitas das vítimas sobreviventes dos campos de concentração, depois de serem libertadas, encontravam as escutas para contar suas experiências e seus sofrimentos apenas inicialmente, sendo logo exaurida a vontade dos indivíduos de ouvir os horrores dos campos, conforme enfatiza o sociólogo austríaco Michael Pollak (1989, p. 6-7). Segundo ele, essa angústia de não ter uma escuta é uma das motivações para que as vítimas desenvolvam uma memória traumática, e, conseqüentemente, silenciem e esqueçam suas lembranças.

Da mesma forma que a ausência de um ouvinte, existem outras razões intensamente complexas para as vítimas da Segunda Guerra calarem, como é o caso da relação entre eles e suas famílias. Para Pollak (1989, p. 6-7), muitos deportados dos campos de concentração gostariam de poupar seus filhos de crescerem na lembrança de suas feridas. No entanto, lembra que após

---

<sup>6</sup> Exemplo também utilizado pela filósofa Jeanne Marie Gagnebin (2004, p. 92-3).

<sup>7</sup> Tais sonhos também são sonhados por seus companheiros do campo de concentração durante as noites.

algumas décadas das deportações, convergem razões políticas e familiares para acabar com esses silêncios, pois as testemunhas oculares sabem que vão morrer, logo querem registrar as suas lembranças contra o ato do esquecimento.

Outros motivos de bloqueios das lembranças encontrados pelas vítimas, bem como os descritos acima, é a punição pelo que se fala e o caso de se expor a mal-entendidos. Muitos sobreviventes dos campos de concentração, como prostitutas, homossexuais e ciganos, foram silenciados coletivamente depois da guerra, temendo muitos deles a revelação das razões de seu internamento, já que poderiam perder seu emprego, serem provocadas denúncias contra eles ou ainda a revogação de seu contrato de locação (POLLAK, 1989, p. 12).

Mas a memória traumática sucedida pela guerra não é uma especificidade apenas das vítimas. Entre antigos nazistas ou simpatizantes do regime, os esquecimentos são bastante frequentes e compreensíveis, conforme ressalta Pollak (1989, p. 6). As “zonas de sombra” da memória podem ser encontradas nas biografias dos personagens públicos, como na história biográfica do presidente austríaco Kurt Waldheim, sendo o tema do nazismo omitido, tornando-se, quando não um tabu, devido, muitas vezes, à vergonha de ter simpatizado ou participado ativamente do nazismo (POLLAK, 1989, p. 6).

A memória traumática do pós-guerra, como exposto acima, é provocada por diversas razões, de modo que uma pessoa ou mesmo um grupo podem acabar silenciando e esquecendo as lembranças de experiências vivenciadas. Além desses não ditos descritos anteriormente, mais um aspecto que se deve destacar da memória traumática é o silêncio sobre si. Diferente do esquecimento, ele é um trabalho de gestão da memória, podendo ser uma condição necessária para manter uma comunicação com o meio ambiente. O silêncio sobre si pode ser elucidado a partir de uma vítima judia que sobreviveu durante a Segunda Guerra, e que optou por permanecer residindo na Alemanha. Esta judia, quando questionada sobre seu passado, pode silenciar sobre alguns fatos ocorridos, porém, este silêncio só raramente resulta de brancos da memória ou de esquecimentos, mas sim de uma reflexão sobre a

própria utilidade de falar e transmitir seu passado (POLLAK, 1989, p. 13). Nesse sentido, compreende-se que o silêncio sobre o seu passado está essencialmente relacionado com sua necessidade de encontrar um modo de viver com aqueles que viram sua deportação, neste caso os moradores da Alemanha.

E como são as recordações pessoais de quem viveu em campos de batalhas durante a Segunda Guerra? Às lembranças mais próximas das pessoas que viveram nestes locais são de ordem sensorial, a partir de cheiros, barulhos e até cores. Isto significa dizer que as lembranças dessas pessoas caracterizam-se muitas vezes pelas recordações, não das datas dos eventos ou dos números de mortos e soldados, mas sim dos barulhos dos aviões, dos cheiros dos explosivos, como de fósforo e enxofre, e mesmo dos choros desesperados das vítimas. (POLLAK, 1989, p. 11).

Outra questão importante para ser salientada é a dificuldade para essas pessoas, que passaram pelo trauma da Segunda Guerra, em formular suas trajetórias de vida. Muitas delas se deparam com embaraços ao tentar construir uma coerência e uma continuidade para contar sua própria vida, especialmente quando esta foi marcada por rupturas. Neste sentido, observa-se a importância que os filmes possuem no enquadramento dessas memórias. Para Pollak, o filme é o melhor suporte para captar todas as lembranças em objetos de memória, captando tanto as emoções, como também as capacidades cognitivas, como é o caso do filme *Shoah*<sup>8</sup>, que aborda o holocausto judeu vivenciado durante o regime nazista.

Segundo Beatriz Sarlo (1997, p. 40), tal filme não destaca apenas o pouco conhecimento sobre a guerra, mas também o fato desse conhecimento ter “a fragilidade de um discurso que pode ser esquecido e que, portanto, é preciso voltar a ele repetidas vezes, porque o tempo, as ideologias, a política dos Estados, o cansaço da culpa [...] corroem esse núcleo de saber que começou a ser construído no pós-guerra”. O filme, sobretudo o testemunho e documentário, além de ser uma maneira de enquadrar as memórias é, para Pollak (1989, p.11), um instrumento poderoso para rearranjar a memória

---

<sup>8</sup> O filme *Shoah*, segundo a crítica literária argentina Beatriz Sarlo (1997, p. 35-36), foi dirigido por Claude Lanzmann, lançado no ano de 1985, e tem a duração aproximada de dez horas.



coletiva, como também a televisão, que acaba por readaptar a memória nacional.

Bem como os indivíduos que tentam recordar e contar suas trajetórias de vida, também se deve lembrar das pessoas que almejam esquecer as situações traumáticas do seu passado. Muitas vítimas sobreviventes e participantes do regime nazista anseiam ou mesmo necessitam esquecer os traumas vividos durante a guerra. A partir de uma pesquisa desenvolvida por Pollak, que analisou as histórias de quarenta mulheres sobreviventes do campo de concentração<sup>9</sup>, este pôde perceber que diversas destas mulheres possuíam o desejo de regressar ao campo, para testemunhar e, conseqüentemente, esquecer as experiências vividas, e com isso retomar uma vida “normal” (POLLAK, 1989, p. 12).

Portanto, como acabou-se de abordar, existem variadas razões, algumas bastante complexas, para se desenvolver a memória traumática no pós-guerra, podendo ser encontrada em nível individual, como a memória de um participante do regime nazista, e também em grupo, como os sobreviventes homossexuais dos campos de concentração. As lembranças silenciadas e as omissões das experiências vividas por essas pessoas acabam sendo, em muitas ocasiões, as soluções para tentar seguir uma vida sem culpa e ressentimento ou sem medo e sofrimento.

### **3. Compartilhando ou esquecendo a dor da perda: apontamentos sobre a memória traumática de enlutados a partir do massacre da cidade de Civitella Val di Chiana**

Antes de explorar algumas reflexões acerca da memória traumática de enlutados, deve-se compreender o luto. Palavra que carrega consigo sentido de dor e tristeza, o luto tem variados significados, mas quando aludido, é logo associado aos sentimentos de perda pela morte de alguém. No decorrer da história, o luto foi vivenciado de diferentes formas. Na Idade Média, por

---

<sup>9</sup> Esta pesquisa foi publicada sob o título “L'expérience concentrationnaire: essai sur le maintien de l'identité sociale”. Para saber mais ver: POLLAK, 1990.



exemplo, o enlutado tinha que expressar sua dor da perda por determinado período, mesmo que esta não estivesse mais presente, além das visitas constantes dos familiares e amigos. A partir do século XIX, modificam-se essas práticas do luto. Os enlutados passam a demonstrar o sofrimento espontaneamente ou de modo histérico para os psicólogos de hoje: chora-se, desmaia-se e jejua-se, como ressalta Philippe Ariès (2003, p. 72).

Já a partir do século XX, em muitas regiões urbanas de países ocidentais encontra-se geralmente, o luto isolado, individual, silenciado e sem o negro na vestimenta, presente desde a Idade Moderna. Chorar na presença de familiares e amigos pode parecer vergonhoso e deprimente. E a sociedade, que nos séculos passados se fazia presente após a morte visitando e apoiando o enlutado, agora está em muitos casos distante, talvez pelo medo de não saber expressar as condolências adequadas ou vergonha de mostrar a dor. Chora-se comumente em casa, porém não junto dos demais, e sim, em um cômodo escondido, longe do círculo familiar. Essa individualização da dor da perda acaba fazendo com que a morte diga respeito apenas ao enlutado, que a vivencia desamparado. E no século XXI, a individualização da dor da perda faz parte da vivência de muitas pessoas e o luto tornou-se um problema, quando não uma doença.

Para muitos indivíduos, falar sobre a perda de um ente querido é uma situação bastante dolorosa. Às vezes passam-se meses, anos e mesmo décadas, e as dores de um enlutado pela morte de alguém próximo continuam latentes. Filhos falecidos que permanecem na memória e nos discursos de suas mães e esposas que preservam a imagem de seus companheiros durante longos anos são algumas experiências vivenciadas por mulheres enlutadas.

Essas mulheres enlutadas fazem parte dos estudos do historiador italiano Alessandro Portelli (2006). Este pôde observar com sua pesquisa na pequena cidade italiana de Civitella Val di Chiana, que os moradores, em especial as mulheres, preservaram durante alguns anos, uma memória criada e centrada pelo seu luto. Após o massacre ocorrido em 1944, com a execução por alemães de cento e quinze civis do sexo masculino, a cidade ficou “entenebrecida” durante anos, sendo que parte dos moradores teve parentes assassinados brutalmente.

Portelli mostra, a partir dos relatos desses enlutados, a comoção entre eles e os sentimentos de perdas pessoais e coletivas. Alguns depoimentos coletados com as mulheres poucos anos após o massacre descrevem desde o encontro com os corpos até os ritos de morte, conforme exposto a seguir:

Ao chegarmos à praça, onde estavam todos os chapéus e o sangue, entre choros e gritos, encontramos nossos amados dentro das casas, num estado terrível [...] Nós, mulheres, não sei de onde nos veio a coragem para fazer tudo isso, carregamos os mortos para a igreja, todas juntas, ajudando umas às outras. [...] No dia seguinte, criamos coragem novamente e retornamos ao povoado, onde juntas, ainda nos ajudando umas às outras, construímos caixões, colocamos os mortos dentro e os levamos em carroças até o cemitério. Ali abrimos as covas, baixamos os caixões e os cobrimos de terra (PORTELLI, 2006, p. 104)

Esse depoimento, colhido dois anos após os assassinatos, demonstra expressões de carinho com os entes falecidos, como também de ajuda mútua entre as mulheres e de coragem diante daquela situação de desespero. Quando descreve os rituais de morte, tal entrevistada relata cada fase ocorrida, desde a construção dos caixões, os cortejos em carroças, e por fim, o momento do sepultamento. Este momento de abaixar o caixão é considerado de grande dor e sofrimento, devido à impossibilidade de ver novamente a pessoa, sendo o extremo do rito de separação entre o morto e os vivos. No entanto, nota-se neste caso, pelo relatar da entrevistada, poucas palavras que demonstram sentimento de dor, descrevendo apenas cada etapa do funeral.

Deve-se advertir, nesse sentido, a dificuldade que os enlutados da cidade encontraram para partilhar sua dor da perda. Portelli faz referência ao trabalho de Valeria Di Piazza, pesquisadora que se dedicou ao estudo dos enlutados após o massacre, em especial os obstáculos que os sobreviventes encontraram para compartilhar seu luto. Esses empecilhos são explicados, sobretudo pelo luto ser avaliado como traumático e fechado em si. Salienta que qualquer pessoa que não “tenha passado por uma experiência desse tipo jamais conseguirá sentir o que as pessoas de Civitella carregam dentro de si.” (DI PIAZZA, apud PORTELLI, 2006, p. 107).

A grande quantidade de mortos, bem como a forma que os indivíduos foram assassinados, são motivações para esse luto ser caracterizado como

traumático. Segundo a pesquisadora Waina Miranda (2010, p. 30), o luto traumático pode ser causado por calamidades que afetam quase toda a população local, como desastres naturais ou atentados, provocando na vida dos que sobrevivem ocorrências de diversas ordens, como material, física e emocional. No caso do massacre da cidade italiana, as consequências foram especialmente emocionais, de modo que muitos sobreviventes presenciaram os assassinatos de seus parentes e perderam quase todos os membros da família, como marido e filhos.

Neste sentido, os estudos do psiquiatra inglês Colin Parkes (1998) são bastante representativos, já que, segundo ele, as mulheres que perdem seus maridos e os pais que passam pela morte de um filho são os mais propícios ao luto traumático. Estes indivíduos permanecem mais tempo para esquecer o trauma da morte, em especial quando o falecimento acontece repentinamente, sem os “avisos” habituais, como uma doença grave ou a idade avançada. Tais enlutados acabam preservando, em muitos casos, a memória da pessoa morta, por meio, por exemplo, de seus objetos pessoais como as roupas, sendo, às vezes, mantido intacto o quarto do falecido, como se este fosse retornar algum dia.

Outra consequência que o luto traumático pode provocar é o esquecimento. A partir da morte traumática de um ente, o enlutado pode se deparar com os bloqueios de memória. Esses esquecimentos podem estar relacionados com experiências vivenciadas junto do ente, antes deste falecer, em especial os fatos que ocorreram próximos a data da morte, além dos casos de enlutados que não recordam do velório ou enterro, mesmo tendo comparecido e participado destes rituais.

Retornando ao depoimento da moradora da cidade de Civitella Val di Chiana, pode-se levantar a partir deste algumas peculiaridades relacionadas às práticas do luto na contemporaneidade. A individualização da dor da perda no momento da morte, tão comum no século XX, nas cidades ocidentais, não se faz presente no relato, uma vez que é inversamente descrito pela sobrevivente. Ressalta que as mulheres se uniram para ritualizar seus mortos, através dos cortejos fúnebres e dos funerais, e igualmente concederem aos corpos de seus entes um espaço para abrigá-los no cemitério.

Mais uma característica extraída a partir da entrevista é a sua proximidade temporal com o massacre, tendo ocorrido em 1946, dois anos após as mortes. Como se pôde perceber na descrição da entrevistada, durante os primeiros anos após o massacre, as memórias relacionadas ao evento da morte, como as lembranças dos assassinatos ou do momento do enterro eram bastante incessantes, podendo ser, inclusive, diárias. Mas passados alguns anos ou décadas, as lembranças dos enlutados relacionadas aos falecimentos eram habitualmente escassas<sup>10</sup>. Isso pode ser exemplificado por meio de algumas entrevistas realizadas com moradores da cidade décadas após o episódio do massacre. Nessas entrevistas, segundo Portelli (2006), pouco ou nada se falou sobre os acontecimentos relacionados à morte dos entes, deixando então evidente que essas recordações já não eram mais tão presentes.

Essas constatações podem ser esclarecidas por algumas características do luto, visto que este, “como a memória, não é um processo moldado (“elaborado”) no tempo histórico” (PORTELLI, 2006, p. 109), sendo que se modifica com o passar dos anos. Inicialmente o luto é quase sempre representado pelo sofrimento, lágrimas e lembranças constantes do ente falecido, mas após alguns anos, é demonstrado principalmente por um distante sentimento de saudade. No entanto, dependendo do grau de parentesco e da ligação afetiva com o falecido, a duração do luto pode variar. Alguns enlutados podem demonstrar seu pesar por mais tempo, atingindo inclusive algumas décadas, como aqueles que passam por uma morte trágica, conforme mencionado anteriormente, enquanto outros podem expressar mais brevemente. Do mesmo modo que a duração do luto pode-se destacar a forma como este é manifestado, sendo que algumas pessoas conseguem demonstrar sua dor mais naturalmente, enquanto outras são mais recolhidas e introspectivas.

Além do massacre italiano da cidade de Civitella Val di Chiana, alguns acontecimentos no decorrer do século XX provocaram processos de luto bastante traumáticos, como os originados a partir da Primeira Guerra Mundial. Segundo Glauca Vianna (2008), nos anos que sucederam a guerra, ocorreu

---

<sup>10</sup> Com exceção dos casos de luto intensamente traumáticos, como apresentado anteriormente.

um desmedido empenho “coletivo para prestar honras póstumas aos mortos, (na maioria dos casos, privados de funerais e quase sempre mortos em condições atroz) e com o intuito de consolar os vivos - sobreviventes e enlutados - diziam que uma perda dessa natureza é dificilmente apaziguada”. Essas mortes ocasionadas pela guerra geraram lutos contínuos, causando aflições a famílias inteiras. Tais sobreviventes enlutados do pós-guerra, ao sentirem-se isolados e melancólicos, faziam algumas associações que os conduziam ainda mais ao sentimento de dor extrema, conforme salienta Vianna (2008). Essas associações podiam ser representadas por meio de “uma palavra, mas também por algumas notas de uma melodia esquecida, alguns versos de um poema ouvido no passado, uma carícia leve e furtiva como a das plumas de um pássaro, que poderiam entrar em ressonância com as reminiscências dos mortos queridos” (VIANNA, 2008).

Em suma, a morte de uma pessoa querida e amada costuma causar muitas dificuldades para a vida do enlutado, podendo transformar-se em um luto traumático. Meses, anos e às vezes décadas de sofrimento e isolamento fazem parte do processo do luto. Porém, como antes aludido, nem todos os enlutados vivenciam experiências traumáticas, sendo que muitos têm um conciso período de luto e conseguem demonstrar o seu pesar mais facilmente.

#### **4. O trauma da morte no mundo virtual: os enlutados que expressam seu pesar na *internet* no final do século XX e início do XXI**

Experiências de memórias traumáticas de enlutados também são encontradas no mundo virtual. Diferente de algumas consequências provocadas pelo luto traumático, como os esquecimentos e lembranças bloqueadas, *sites* são criados para lembrar e preservar a memória do falecido, como é o caso dos cemitérios *on-line*. Estes existem desde meados da década de 1990, e têm como principal objetivo disponibilizar páginas com memoriais de pessoas mortas. Nesses *sites*, como o *Le Cimetière Virtuel*<sup>11</sup>, criado na França,

---

<sup>11</sup> Portal *Le Cimetière Virtuel*: <<http://www.lecimetiere.net/index.php>>. Acesso em: 16 jul. 2011.

no ano de 2003, os enlutados podem depositar flores e velas virtuais<sup>12</sup> nos espaços memoriais de cada falecido, de modo que cada ente morto possui um espaço com informações pessoais, fotografias e mensagens de dor e saudade deixadas pelos familiares e amigos.

Outro espaço *on-line* utilizado para manter presente a memória do morto é a rede social do *Orkut*<sup>13</sup>. Breves pesquisas nessa rede são suficientes para encontrar uma grande quantidade de perfis de pessoas mortas, de modo que muitos usuários falecidos continuam “vivos” em seus perfis pessoais e são cada vez mais numerosos, somando no ano de 2008 perto de um milhão<sup>14</sup>, conforme contabiliza a jornalista Talita Sales (2008). Após a morte, muitos familiares e amigos da pessoa decidem pela exclusão do seu perfil<sup>15</sup>, mas outros permanecem *on-line*, sem alterações, com fotos do falecido, lembrete de aniversário de nascimento e os recados deixados antes e após a morte, como se o ente ainda sobrevivesse. No entanto, como bem sintetiza Albuquerque (2007, p. 7), aquela pessoa “não existe mais, seus amigos não podem mais contar com ela; seus planos perderam, de súbito, todo o sentido. Os mortos *orkutianos* permanecem congelados em um eterno presente desprovidos de futuro”.

Nessas páginas do *Orkut*, as experiências de luto traumático são bastante frequentes, como por exemplo, pais que passam pela morte de um filho e demonstrando sua dor intensa e contínua através de mensagens, conforme exposto a seguir:

---

<sup>12</sup> Para depositar as flores e velas virtuais, os visitantes necessitam adquiri-las nos *sites*, variando o valor dos produtos, conforme o cemitério. As velas costumam “apagar” e as flores “murchar” virtualmente depois de sete dias *on-line*.

<sup>13</sup> O *Orkut* foi criado em 24 de janeiro de 2004 por um ex-aluno da Universidade de Stanford, o engenheiro turco Orkut Buyukokkten, e posteriormente lançado pelo *Google* (BARBOSA, 2009, p. 1). A rede social abrange perfis pessoais e comunidades. No primeiro, acessado através de email e senha, é possível criar perfil com dados pessoais, preferências do usuário, adicionar fotos e vídeos, procurar e selecionar amigos, visualizar perfis de outros usuários, enviar recados, dentre outras opções. As comunidades têm a finalidade de discutir sobre determinados temas afins, podendo ser abertas ao público ou acessadas apenas aos participantes. Nelas são encontradas informações gerais sobre a comunidade, como apresentação, data de criação, quantidade de membros, além de possuir fóruns de discussões.

<sup>14</sup> Em agosto do mesmo ano os usuários do *Orkut* no Brasil chegavam a 40 milhões.

<sup>15</sup> Para a exclusão de um perfil pessoal de falecido, o *Orkut* exige “o envio de um formulário online, disponível na página do *Orkut*, no qual conste o verdadeiro nome do falecido, o link do perfil e o atestado de óbito digitalizado. Após três dias úteis a empresa entra em contato.” (DIÁRIO CATARINENSE, 2010, p. 10).

Meu filho, meu amor, uma das minhas vidas...Meu filho, são nove anos sem a sua presença física nas nossas vidas...como queria que estivesse aqui vivenciando tudo [...] filho, sinto muito a sua falta, a vontade de te abraçar, de sentir o aperto do teu abraço...é uma dor infinita, interminável, constante...sei que muitas vezes preocupo as pessoas que estão à minha volta, mas sei que elas tentam entender a minha dor... que é dolorida, insuportável, eterna, prá sempre...amo vc com todo o meu ser...receba o meu carinho, o meu beijo de coração, o meu abraço apertado [...] te amo eternamente...receba o meu colo, o meu amor...beijos da mãe da Terra que muito te ama...[...] (08/08/09)<sup>16</sup>

Nesses casos traumáticos, a duração do luto é prolongada, podendo o enlutado vivenciar décadas de pesar, como na mensagem acima. Nesse exemplo, após nove anos de perda, a mãe descreve em algumas frases seu sofrimento, dando a sua dor diversos adjetivos como infinita, interminável, dolorida, insuportável e eterna. Todavia, o compartilhamento do pesar no *Orkut* não é demonstrado apenas pelas mães enlutadas. Mulheres que perdem seus companheiros também expressam seu sofrimento pelas mensagens, como observado a seguir: “amor te amo pra sempre...que saudadessssss.... Fiquei 23 anos da minha vida com vc, hj não sem mais viver sinto sua falta em tudo que faço pois sempre estivamos juntoss, me de forças pra viver sem vc. Falecido [...] no dia que faríamos 23 anos de casado...”<sup>17</sup>

Após a morte, muitos usuários continuam recebendo mensagens não apenas dos familiares, como das esposas e mães, mas também de amigos próximos, sendo que nos primeiros meses que sucedem o falecimento, os recados são assíduos e expressam a dor da distância, que os acompanha diariamente. Mas as mensagens mais comumente encontradas nas páginas de recados do *Orkut* são as enviadas em datas especiais, como aniversário de nascimento, meses e anos de falecimento, natal, dia das crianças, dos pais e das mães. Nesses recados aos mortos, as palavras dos enlutados costumam ser comoventes e emocionadas.

Em síntese, percebe-se que o enlutado vê nesses *sites*, como o cemitério *on-line* ou a rede de sociabilidade do *Orkut*, um espaço para recordar

---

<sup>16</sup> Mensagem disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=700286>>. Acesso em: 22 jul. 2011.

<sup>17</sup> Mensagem disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#FullProfile?rl=pcb&uid=322601191288429913>>. Acesso em: 22 jul. 2011.



e preservar a memória do ente falecido. Esses enlutados demonstram seu sofrimento principalmente pelas mensagens virtuais, sintetizando então a constante dor da perda em apenas algumas palavras.

## **5. Considerações finais**

Nas últimas décadas do século XX, a memória tornou-se cada vez mais presente, o que ocasionou posteriormente na sua obsessão e no pesar de nada esquecer. Bem como essa ânsia e dever de memória, encontra-se no final desse século, uma necessidade em preservar e restaurar. Para Hartog (2006, p. 272), por ser um período de rupturas, catástrofes e intensa aceleração na experiência do tempo vivido, tais características não são surpreendentes para essas últimas décadas. Portanto, a memória e também o patrimônio, valem como respostas e sintomas desse período vivido e do então regime de historicidade, o presentismo.

E quanto às memórias que se têm desse século XX? Dando enfoque às memórias traumáticas, iniciou-se pelas ocasionadas na Segunda Guerra Mundial. Pôde-se perceber que existem diversos motivos, alguns profundamente complexos, para que se desenvolvesse esta memória traumática no pós-guerra. Encontrados tanto a partir de grupos, como os sobreviventes ciganos dos campos de concentração, como também em nível individual, os não ditos, o esquecimento das lembranças e a omissão das experiências vividas por essas pessoas acabaram sendo, em muitas situações, as soluções para tentar seguir uma vida “normal”.

Após os traumas do pós-guerra, mostraram-se algumas reflexões sobre a morte de um ente próximo e o processo de luto. Alguns enlutados vivenciam uma breve duração do luto e conseguem expressar seu pesar mais naturalmente. Mas outros casos de perda podem transformar-se em um luto traumático. Muitas vezes, o afastamento entre enlutado e morto provoca anos de dor e sofrimento, principalmente nos laços de parentesco estreitos, como uma mãe que perde seu filho. Esses enlutados traumáticos demonstram sua aflição de diversos modos, como pela recordação e preservação da memória

do ente falecido nas páginas virtuais de cemitérios *on-line* ou do *Orkut*, enquanto alguns enlutados passam por esquecimentos e bloqueios de memória de experiências vivenciadas junto da pessoa, antes de sua morte.

Enfim, durante o século XX, as memórias traumáticas fizeram parte do cotidiano de muitos indivíduos, como das mães enlutadas que perderam seus filhos no massacre da cidade italiana de Civitella Val di Chiana e das vítimas sobreviventes dos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial. Às vezes, o compartilhamento das lembranças traumáticas tornou-se o meio dessas pessoas seguirem suas vidas, enquanto que para outras os silêncios intencionais foram as soluções encontradas.

## Referências

ALBUQUERQUE, Afonso de. Viver e morrer no Orkut: os paradoxos da rematerialização do ciberespaço. **Intexto**, Porto Alegre, julho/dezembro 2007. UFRGS, v. 2, n. 17, p. 1-17. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/viewFile/4229/4136>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARBOSA, Aline da Silva Néto. Orkut: o espaço que possibilita a Visibilidade e a Imortalidade. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32., 2009, Curitiba  
**Anais eletrônicos...** Curitiba: 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/premios/2009/AlineBarbosa.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Memória, História e Testemunho”. In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.) **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. p. 85-94.

HARTOG, François. “Regimes de Historicidade”. **International Review of Social History**, 38, 1993. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>>. Acesso em 24 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. “Tempo e Patrimônio”. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, nº 36: p.261-273, Jul/Dez 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a02.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2011.

HUYSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2000.

Luto na internet: web tornou-se ambiente para discutir a morte. **Diário Catarinense**, Santa Catarina, 22 ago. 2010. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPESC).

MENESES, Ulpiano T. B. de. Cultura política e lugares de memória. In: Azevedo, Cecília et al. (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009. p. 445-463.

MIRANDA, Waina Ferreira. **Práticas de aconselhamento para adultos enlutados**: A importância da relação de ajuda na superação da dor da perda. 2010. 57 p. Monografia (Pós Graduação em Aconselhamento) - Faculdade Teológica Batista de São Paulo. São Paulo, 2010.

MUDROVIC, María Inés. Por que Clio retornou a Mnemosine? In: Azevedo, Cecília et al. (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009. p. 101-116.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

POLLAK, Michael. **L'expérience concentrationnaire**: essai sur le maintien de l'identité sociale. Paris: Éditions Métailié, 1990.

\_\_\_\_\_. "Memória, Esquecimento, Silêncio". **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.) **Usos & Abusos da História Oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.103-130.

SALES, Talita. ORKUT: Há Vida após a morte. **Matina**, 1dez. 2008. Disponível em: <<http://matinauniao.blogspot.com/2008/12/orkut-h-vida-aps-morte.html>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: Intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: USP, 1997.

VIANNA, Gláucia Regina. "Narradores melancólicos: literatura testemunhal e a construção de uma memória". **Morpheus** - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, v. 8, n. 13, 2008. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/glauciavianna.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2011.